

Jean Guitton, Filósofo do Mistério e do Metarrealismo

EDUARDO DIATAHY B. DE MENEZES (*)

I

Morre um Mestre do Pensamento

*"Quantos reinos nos ignoram!
O silêncio eterno desses espaços infi-
nitos me encham de espanto."*

PASCAL

Morre em Paris Jean Marie Pierre Guitton, no domingo 21 de março, no Hospital Val-Gracê, com a idade de 98 anos, este que era um dos últimos grandes sábios deste século e expressão empenhada do pensamento cristão moderno. Em pequena nota do caderno de Economia, da segunda-feira 22/03/99, canto inferior da página Internacional, um jornal de Fortaleza assinalou o fato repetindo as falhas dos informes distribuídos por agências de notícias e introduzindo outras como dizer que ele morreu aos 89 anos, etc. Deixei passar o tempo, na esperança de que algo mais substancial aparecesse. Nada, porém, além daquela modesta nota. Fiquei a refletir sobre os critérios e mecanismos da memória e do esquecimento coletivos. Colaborador de Freud e criador das técnicas psicodramáticas e da sociometria, J. L. Moreno inquietava-se com o proletariado afetivo da humanidade, bem mais vasto do que o econômico, pois aquele atravessa todas as classes. Pode-se especular que mais de

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

80% dos seres humanos nascem, padecem e morrem sem deixar traço de sua passagem na História. Estranha curva essa do acesso ao reconhecimento mesmo fugaz!

Mas quem foi esse pensador, cuja morte suscitou homenagem de João Paulo II, em mensagem ao Cardeal Lustiger, arcebispo de Paris, onde o trata como o "mestre", que *«ligou sua vida a dar conta do mistério divino por seus escritos e obras artísticas, alimentando sua força na meditação»* própria de sua vocação filosófica? Quem foi esse filósofo, que o Cardeal Paul Poupard, presidente do Conselho Pontifício para a Cultura, chama de *«humanista cristão por excelência de nosso tempo, (...) testemunha de nossa época cujos dramas espirituais viveu intensamente, desde as investidas do modernismo ao ressurgimento do integrismo»*? Quem foi esse sábio cujo desaparecimento levou o presidente Jacques Chirac a manifestar-se numa nota emocionada e o Primeiro Ministro, Lionel Jospin, a declarar que ele *«deixa uma obra monumental, porque tinha muitas coisas a dizer e as disse..., e terá marcado seu século por um pensamento exigente e rigoroso»*? Que energia de espírito emanava desse pesquisador insaciável que interrogava ao longo da vida numerosas personalidades, de quem traçava depois retratos esplêndidos, ou que levava homens de vários perfis ideológico, como um François Mitterrand, a visitá-lo, às vezes em condições rocambolescas, como num dia de 1982 em que o Presidente da República posou seu helicóptero diante da "choupana" do filósofo, na Creuse, para conversar com ele sobre suas razões de crer, sobre Deus, a morte, o mistério; conversações de que ele dá vivo relato em duas obras, *O Absurdo e o Mistério* (1984), e *Meu Testamento Filosófico* (1998)?

Nascido no primeiro ano deste século em Saint-Etienne (Loire), de um meio burguês, culto e religioso por tradição, teve de sua mãe, de quem traçara mais tarde o perfil, influência preponderante no rumo de sua crença (*«Eu creio em Deus, porque jamais deixei de duvidar»*, dirá ele na maturidade), que, voltada para a indagação e o diálogo ecumênico, tinha como lema uma palavra de Lacordaire, que sua mãe lhe transmitia aos 15 anos: *«Não busco convencer de erro a um adversário, mas unir-me a ele numa verdade mais alta»*. Aos 19 anos, com o consentimento dos pais, sua inquietação intelectual o leva a deixar o fundo de sua província à cata, em Paris, de

maior esclarecimento. E é sintomático que essa busca o tenha levado a mergulhar na obra ou nos cursos dos críticos das origens do cristianismo (Renan, Anatole France, Loisy, Guignebert, Couchoud, Bultmann, etc.). Mas além dos ensinamentos públicos, ele buscava a convivência com estes especialistas. É dessa época o seu encontro com M. Pouget, quase cego, que o inicia na crítica e na história da religião. Essa busca incessante o levaria em 1935 à Terra Santa, para encontrar-se com o Padre Lagrange, grande renovador da arqueologia e exegese testamentárias e criador da renomada Escola Bíblica de Jerusalém.

Enquanto isso, conclui seus estudos universitários; *agrége* de filosofia aos 21 anos, escolhe, a conselho de Maurice Blondel, como tema de sua tese principal de doutorado: *O Tempo e a Eternidade em Plotino e Santo Agostinho* e, como tese secundária, *A Filosofia de Newman*. Inicia sua carreira de magistério, como professor de Liceu, ascende ao ensino universitário em várias faculdades e sobretudo em Dijon (1948-1954), posteriormente torna-se professor titular da École Normale Supérieure, e conquista a cátedra de filosofia e história da filosofia na Sorbonne (1955-1968). Entrementes, preso pelos Alemães (1940) em Clermond-Ferrand, iniciava 5 anos de cativo na Alemanha. Vários de seus alunos ligaram-se a ele numa amizade fecunda e tiveram reconhecido destaque, tais como um Mounier ou um Althusser.

Autor prolífero e trabalhador infatigável, de estilo modelar e de obra predominantemente filosófica, mas também religiosa e literária em diversos registros: ensaios, críticas, exegeses, romances, retratos, autobiografias, etc. O livro em que traçou o retrato de M. Pouget (1941) foi elogiado por Alain e Camus. Em 1954, ganhou o Grande Prêmio de Literatura da Academia Francesa, para a qual foi eleito em 1961; único leigo convidado a assistir à primeira sessão do Concílio Vaticano (1962), e depois auditor nas demais sessões (1963); recebe a grande medalha da Academia de Ciências, Letras e Artes de Bordeaux (1969); prêmio Osiris do Instituto de França (1972); foi eleito membro da Academia de Ciências Morais e Políticas (1987); era detentor da Legião de Honra, e da Grã-Cruz de São Gregório Magno.

II

O Pensamento: Diálogo entre Ciência e Fé

"Para aqueles de nós que acreditamos na física, essa separação entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão, posto que tenaz."

EINSTEIN

Esse filho espiritual de Pascal e de Bergson, para quem a filosofia era justa intelectual, compromisso moral e exercício espiritual, conviveu com grandes espíritos e realizou expressivo intercâmbio com alguns dos principais homens de ciência deste século, manteve ainda intenso diálogo com marxistas e agnósticos. É obviamente difícil, num curto ensaio, dar mesmo que seja um pálido esboço da obra intensa desse pensador que espargiu seu saber e sua sabedoria em cerca de meia centena de livros.

Eu tive a alegria de conhecê-lo quando, jovem estudante, cheguei a Paris no outono de 1959, e assisti a uma semana de debates sobre o mistério, um dos desafios que ocupou sua reflexão filosófica e que marca toda a sua obra, na tentativa de síntese entre o pensamento moderno e a fé. Recordo que ele propunha então o atributo de *misterial* para essa investigação dos enigmas do universo, do vivente e da história, no intuito de distingui-la do "misterioso", termo que remete antes para assombrações, fantasmas e demais temores populares. Se uma analogia facilitar sua compreensão pelo leitor local, eu arriscaria dizer que Jean Guilton foi uma espécie de Alceu Amoroso Lima francês, com uma diferença marcante: embora ambos tenham sido discípulos de Bergson e possam ser identificados como grandes representantes do pensamento cristão moderno, naquele, apesar de também romancista e pintor, a dominante de sua obra é nitidamente filosófica e teológica, ao passo que no pensador brasileiro, a despeito de obra que se espraia pela filosofia, economia, política e pedagogia, sua ação foi sobretudo como crítico literário.

A despeito de sua vasta obra, é modesta a divulgação de seus livros em vernáculo. De meu conhecimento, apenas quatro ou cinco deles: *Jesus* (Itatiaia, 1960), *Problema e Mistério de Joana d'Arc* (Dominus, 1963), *Nova Arte de Pensar* (Paulinas, 1964) e *Deus e a Ciência, em direção ao metarrealismo* (Nova Fronteira, 1992). Os dois primeiros constituem um exercício ousado de crítica da crítica numa meditação filosófica – no sentido em que se usava esse termo à época de Descartes – onde desenvolve original reflexão sobre a lógica do testemunho e outras questões da epistemologia histórica. O terceiro é um guia para estudantes de filosofia. O último, livro denso, que faz o leitor mergulhar na vertigem de uma reflexão desconcertante face da subversão das certezas racionais, dos conceitos e modelos de pensamento que compunham a imagem do real nutrida pelas ciências desde o início dos tempos modernos, nasceu de um encontro dialógico entre Jean Guilton e os irmãos Igor e Grichka Bogdanov, doutores em Física teórica e em Semiologia sob a orientação de Roland Barthes.

Para concluir essas breves indicações, gostaria de dispor de mais espaço, a fim de poder dar uma idéia mesmo sumária deste livro fecundo, que amplia os horizontes do pensamento no rumo da nova visão real, a qual emerge do intenso debate crítico que vem pelo menos do começo do século, com a física quântica, com a expansão da astrofísica numa cosmologia de novo perfil, com a exploração da interface da química e das ciências biológicas, com as descobertas paleontológicas, etc., que desembocam numa teoria do caos e numa epistemologia da complexidade, entre outras reflexões. Aliás, numa de suas intervenções nesta obra, Jean Guilton lembra que o ano de 1927 é um dos mais importantes na história do pensamento contemporâneo, porque ele marca a arrancada da filosofia metarrealista: é o ano em que Heisenberg expõe seu “princípio da incerteza”, em que Lemaître anuncia sua teoria da expansão do Universo, em que Einstein propõe sua teoria unificada dos campos, em que Teilhard de Chardin publica os primeiros elementos de sua obra; é ainda o ano do Congresso de Copenhague, que marca a formalização da teoria quântica. E ele termina indagando: não é significativo que essas revoluções epistemológicas tenham sido provocadas por homens de ciência?

O diálogo entre o filósofo e os dois físicos parte de questões simples mas essenciais: de onde vem o Universo? Que é o real? A noção de mundo material tem um sentido? E sobretudo desta in-

dagação crucial que percorre todo o livro: *Por que existe alguma coisa ao invés de nada?*

O livro é um esforço na busca de um saber mais profundo, para além das certezas recebidas acerca do tempo, do espaço e da matéria, e num confronto honesto entre as três vias do espírito (religião, filosofia e ciência), explorando uma nova descrição do real que leve em conta uma das maiores constatações da física contemporânea: o mundo "objetivo" parece não existir fora da consciência que determina as suas propriedades. Nessa perspectiva, o Universo de que fazemos parte torna-se cada vez menos material, já não se comparando a uma máquina, mas antes a um *vasto pensamento*.

Mas, se a concepção do Universo-máquina, de Laplace a Einstein, desmorona-se e, no seu rastro, o conjunto dos modelos materialistas e realistas, isso se faz em benefício de quê? Na história das idéias duas correntes se confrontam: o espiritualismo e o materialismo. Resumidamente, para a primeira, o real é uma idéia pura, não tendo no sentido estrito qualquer substrato material e a única garantia é a existência de nosso pensamento, etc.; já a segunda impõe uma posição rigorosamente inversa: o espírito não passa de epifenômeno da matéria, fora qual nada existe. Essas duas doutrinas sobre a natureza do Ser completam-se pelas teorias do conhecimento que lhes correspondem: o idealismo e o realismo. Ora, dizem os autores, estamos no limiar de uma revolução do pensamento, de uma ruptura epistemológica não experimentada pela filosofia desde vários séculos: da via conceptual aberta pela teoria quântica emerge uma nova representação do mundo, radicalmente outra, e que, apoiando-se nas duas correntes anteriores, busca superá-las numa síntese; concepção nascente que se situa aquém do espiritualismo e muito além do materialismo. Em que isso significa um pensamento novo? No fato de apagar as fronteiras entre espírito e matéria; eis o que se chama metarrealismo.

Depois do longo diálogo que compõe este belo livro, recheado de exemplos consistentes e de lúcidos testemunhos dos sábios que construíram essa nova perspectiva científica que toca de perto a Transcendência, os autores concluem a discussão evocando o último suspiro filosófico de Bergson, que antes de expirar murmurou estas estranhas palavras:

«O Universo é uma máquina de fazer deuses...»

Bibliografia Parcial de Jean Guilton

A maioria de suas obras foi republicada por Desclée de Brouwer (DDB) reunidas nas *OEuvres Complètes*, na coleção "*La Bibliothèque européenne*", sob as rubricas:

Retratos: *Portrait de M. Pouget* (Gallimard, 1941, mas integrando *OEuvres Complètes* da DDB); *Le Cardinal Saliège* (Grasset, 1957); *La Vocation de Bergson* (1960); *Une mère dans sa vallée* (1961); *Léon Bérard* (1962), todas na DDB; *Marthe Robin* (Grasset, 1985); *Le Père Lagrange* (Robert Laffont, 1992).

Crítica religiosa: *La Pensée de M. Lotsy* (1936); *La Critique de la critique* (1937); *Renan et Newman* (1938); *Le Problème de Jésus* (1950-1956); *L'Eglise et l'Evangile* (1959), todas na DDB; *Dialogues avec Paul VI* (Fayard, 1967); *Le Christ de ma vie, dialogue avec Joseph Doré* (DDB, 1987); *Jugements* (Gallimard, 1981).

Sabedoria: *Nouvel art de pensée* (1946); *L'Amour humain* (1948); *Le Travail intellectuel* (1951); *La Pensée et la guerre* (1969); *L'Amour divin* (1971); *Silence sur l'essentiel* (1987), todas na DDB; *Dieu et la science* (Grasset, 1985); *L'Impur* (DDB, 1991); *Le Livre de la sagesse et des vertus retrouvées* (Perrin, 1998).

Filosofia: *L'Existence temporelle* (1949); *Le Temps et l'Eternité chez Plotin et saint Augustin* (1955); *Nouvel éloge de la philosophie* (1977); *Philosophie de la résurrection et Phénoménologie mystique* (1978); *L'Absurde et le Mystère* (1992), todas na DDB; *Mon testament philosophique* (Presses de la Renaissance, 1997); *Ultima verba* (Gallimard, 1998).

Autobiografias: *Journal de ma vie, 1912-1971* (DDB, 1976); *Ecrire comme on se souvient* (Fayard, 1974); *Un siècle, une vie* (Robert Laffont, 1988); *Le Siècle qui s'annonce* (Bartillat, 1997).

Sobre o autor, pode assinalar o livro de Gérard Leclercq: *Portrait de M. Guilton*, (Bartillat, 1998).

(Palestra proferida no Instituto do Ceará em 7 de abril de 1999).